

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – FFLCH / USP

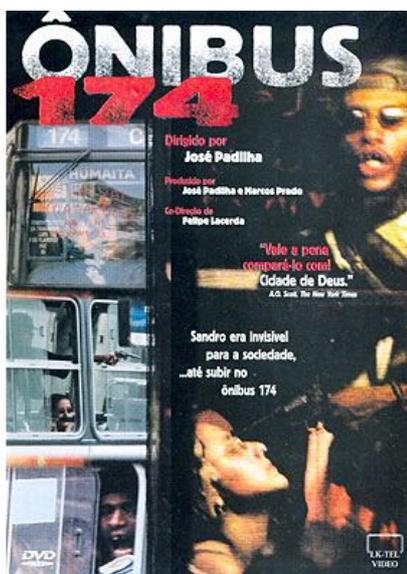
Violência Urbana: breve discussão a partir de literatura comentada

aluno: Anibal Renan Martinot Chaim

semestre: 1o / 2010

ROTEIRO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS

Nesta segunda parte do trabalho serão propostas atividades práticas que façam uma ponte entre a teoria abordada no texto, na primeira parte deste trabalho, e a prática dos alunos. A primeira atividade se refere ao documentário “Ônibus 174”, dirigido por José Padilha. A segunda utiliza a música “Minha Alma (A paz que eu não quero)” do grupo o Rappa, que também poderá ser trabalhada com o clipe. Tanto o filme quanto a música são produções relativamente recentes e são formas de se trabalhar a temática da violência urbana que possuem acessibilidade e proximidade em relação ao aluno de Ensino Médio.



O filme

Neste momento, é bom demarcarmos uma importante característica desta obra: por tratar-se de um fato com enorme repercussão na mídia brasileira, há diversas outras obras que tratam do mesmo assunto. Não se deve confundir o documentário “Ônibus 174”, com o filme de ficção “Última Parada 174”, por exemplo, embora este último seja baseado em fatos reais.

Objetivo da atividade

Esta atividade visa promover a discussão e reflexão principalmente sobre o tema da invisibilidade social, assunto que é o foco do documentário. A violência aparece neste dramático capítulo da História como uma maneira do indivíduo quebrar a invisibilidade que vitima milhares de pessoas Brasil adentro, e demonstra a incapacidade do Estado em lidar com seus excluídos.

Previsão de desenvolvimento da atividade

A duração deste filme é de 118 minutos (01 hora e 58 minutos). Obviamente, é O aconselhável passar o filme ininterruptamente. Entretanto, por se tratar de uma narrativa cujo clímax ocorre somente no final, caso haja a necessidade de dividi-lo em duas ou até três aulas, isso não deve gerar grandes perdas para a aplicação do conteúdo que se pretende passar com este programa.

No final desta proposta de atividade, há um sumário de assuntos que podem ser abordados por meio deste filme dentro de outras disciplinas. Aconselha-se ao professor de Sociologia que exiba este filme com o menor número de cortes (interrupções na exibição) possível. Se for possível agregar um professor de outra disciplina à execução desse filme de modo que ambos usem suas respectivas aulas para exibi-lo, melhor ainda.

Recursos necessários para a atividade

Para a execução da atividade com o filme, são necessários:

- Um aparelho de TV
- Um aparelho de DVD
- Um exemplar do filme “Ônibus 174” em formato de DVD

Relato do filme

Em “Ônibus 174”, conta-se a história da vida de Sandro do Nascimento, nascido no Rio de Janeiro no dia 7 de julho de 1978. Teve uma infância pobre e sofrida. Seu pai abandonou sua mãe assim que descobriu que ela estava grávida. Aos 06 anos de idade, presenciou o assassinato de sua mãe no bar em que ela trabalhava, de modo que foi a primeira pessoa a chamar por socorro diante da morte de sua genitora. O assassinato de sua mãe é tratado como acontecimento-chave da narrativa, já que é a partir deste momento que Sandro se torna um menino de rua. O documentarista teve o cuidado de reconstruir as experiências que o personagem teve durante toda sua infância enquanto era menino de rua. Entrevista diversas pessoas que o conheceram nessa época.

Há um interessante entrelaçamento de fenômenos, descoberto pela equipe produtora do documentário: em 1993, a Igreja da Candelária, que se situa também na cidade do Rio de Janeiro foi palco do que posteriormente ficou conhecido por “A Chacina da Candelária”. Na madrugada do dia 23 de julho de 1993, aproximadamente à meia-noite, vários carros pararam em frente à Igreja da Candelária. Logo após, os policiais abriram fogo contra mais de setenta crianças e adolescentes que estavam dormindo nas proximidades da Igreja. Como resultado da chacina, seis menores e dois maiores morreram e várias crianças e adolescentes ficaram feridos. Sandro, na época com 15 anos de idade, era um dos meninos que estava dormindo sob a marquise da Igreja, que foi metralhada pelos policiais.

O filme documenta todas as passagens que Sandro teve pelas “Instituições de Correção” de menores. Mostra também o tipo de cela em que ficou preso quando já adulto. Sua biografia pesquisada vai sendo dada em paralelo com a história do sequestro do Ônibus 174: no dia 12/06/2000, aos 21 anos, Sandro, que ainda habitava as ruas do Rio de Janeiro entrou no ônibus da linha 174 com um revólver de calibre 38 para efetuar um assalto. Um passageiro fez um sinal para a polícia militar que estava passando pela rua, uma vez que Sandro estava armado e representava um risco aos passageiros daquele ônibus. Dessa maneira, antes que Sandro pudesse descer do ônibus e fugir, já havia do lado de fora policiais militares esperando por ele, para levá-lo de volta à cadeia, de onde havia fugido pela última vez em 01/01/1999.

Ao invés de entregar-se à polícia, Sandro optou por seguir dentro do ônibus. A situação de existir um homem armado que fazia ameaças diversas com uma arma de

fogo em punho dentro de um veículo de transporte público fez com que fosse acionado o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da polícia militar do Rio de Janeiro.

O acontecimento foi gerando uma repercussão instantânea, até que, em pouco tempo, o caso já estava sendo transmitido ao vivo em rede nacional. Transformou-se numa espécie de “*reality show* dramático”. A presença na mídia produziu alterações tanto no comportamento de Sandro quanto no comportamento da polícia. O policial que comandava a operação recebeu uma ordem superior para que não matasse Sandro.

Enquanto, para os passageiros (de acordo com a maioria dos depoimentos), Sandro dizia que não tinha a intenção de matar ninguém, para as câmeras de TV e para todos os que estavam do lado de fora dizia imponentemente que iria “matar geral”. Inclusive pediu que isso fosse escrito no vidro dianteiro do ônibus com o batom de uma de suas reféns. Durante o sequestro, deu três disparos que não feriram ninguém que estava no interior do ônibus. Com o passar do tempo foi liberando mais e mais reféns, de acordo com a simpatia que cada um deles lhe despertava. Geisa Firmo Gonçalves, uma das reféns usou o pretexto de que tinha um irmão preso para que fosse solta, já que supostamente entendia a situação por que estava passando o sequestrador.

Sandro descobriu que isto era mentira. Algum tempo depois, no clímax da história, Sandro usou Geisa como escudo para sair do ônibus. Sua arma estava apontada para a cabeça dela. Logo no momento em que saiu do ônibus, aproximou-se por suas costas um policial com uma grande arma em mãos, apontada para a cabeça de Sandro. Entretanto, ele percebeu a aproximação do policial e desviou sua cabeça da rota do tiro, que acabou por acertar de raspão a cabeça de Geisa, a refém. O reflexo de Sandro foi disparar o revólver que estava apontado para ela: foram três tiros, que acabaram por culminar na morte de Geisa.

Num momento de fúria coletiva, a população que cercava o ônibus imediatamente se aproximou em polvorosa, numa tentativa de linchamento. A polícia conseguiu impedir o linchamento, mas Sandro acabou por ser asfixiado pela polícia enquanto estava a caminho da delegacia.

No enterro de Geisa, milhares de pessoas estiveram presentes, numa demonstração de revolta, dor, e inconformismo diante da atrocidade que resultou em sua morte. No enterro de Sandro, entretanto, só esteve presente sua “mãe de consideração”. Sandro foi morto e reconhecido socialmente como assassino.

Comentário e aplicação do filme

Atrelado à história particular de Sandro do Nascimento, o caso do Ônibus 174 constitui um objeto de análise extremamente inquietante, que dialoga com muitos dos autores elencados na parte teórica deste trabalho.

Sandro é negro, pobre, analfabeto, menino de rua que cortou laços com sua família. Há no filme um homem que comenta o caso e diz que tanto ele quanto qualquer outro adolescente negro e pobre sofrem nas grandes cidades brasileiras com o problema da invisibilidade: a sociedade não consegue (ou não quer) vê-los. São indivíduos cercados de conflitos e carências por todos os lados, e justamente por isso são os que mais têm necessidade de uma ação do Estado.

Sem família, sem casa, sem trabalho, sem educação, sem alimentação. Esses meninos não têm mais que a companhia uns dos outros para buscarem sua própria sobrevivência (que lhes é negligenciada pelo Estado) cometendo roubos, furtos e crimes deste perfil. Eles têm a certeza de que o Estado não irá atender suas demandas. A violência aparece com o propósito de dramatizar ressentimentos e trazê-los ao conhecimento do público.

O uso da violência por parte deles, seja enquanto menino de rua, seja enquanto adulto estigmatizado tal como Sandro, é a expressão de uma subjetividade que lhes é negada dia após dia pelo Estado. Ela traz a marca de uma subjetividade negada, arrebatada, esmagada, infeliz, frustrada, o que é expresso pelo ator que não pode existir enquanto tal. É a voz do sujeito não reconhecido, rejeitado e prisioneiro da massa desenhada pela exclusão social e pela discriminação racial.

Sandro, e todos os outros meninos pobres, negros e jovens são o tipo de gente que mais sofre com a violência simbólica: pessoas que são socialmente estereotipadas como perigosas, potencialmente nocivas. É impossível fugir do estigma que lhes é socialmente atribuído. Tudo lhes é restrito. Os muros lhes são maiores. Por serem alvos de um preconceito que age em virtude do temor que se tem de sua potencial periculosidade, há uma pressão social gigante que conclama a polícia a agir com muito mais vigor no que diz respeito à contenção da periculosidade que se atribui a esses indivíduos (estigmatizados).

No filme, a “tia Ivone” comenta que à época da chacina da Candelária se fez uma pesquisa nas rádios sobre a opinião das pessoas a respeito do massacre ali ocorrido. A

resposta da maioria foi de que “tinha mais que matar todo mundo mesmo!”. A própria fala de Sandro, dentro da situação do sequestro do ônibus, denota todo o drama que é expresso nessa ocasião. Quando ele fala: “Ô seu delegado! Vem aqui rapá!” ou “Seu delegadô..... eu vou matar outrá.....” ele está nitidamente invertendo a relação de submissão que teve diante do Estado por toda sua vida. Estado que, nessa fala, é personificado na pessoa do “Seu delegado”, o homem que está negociando com ele, e preocupado em salvar a vida dos reféns que estão dentro do ônibus 174.

Outro aspecto que pode ser observado em meio a todo este drama da realidade é que a posse de uma arma de fogo (ou de qualquer tipo) por parte de Sandro (ou de qualquer outro que estivesse em situação semelhante à sua) assegura que, enquanto estiver com a arma em punho, e representando uma ameaça real à vida de um cidadão “visível”, passa ele próprio a ter suas demandas atendidas, mesmo que mediante o uso da violência ou da coação com uso de arma. A arma e a ameaça se tornam uma espécie de “instrumentos de visibilidade” do indivíduo marginalizado.

Sandro, após ser cercado pela polícia, enquanto dentro do ônibus, já não tinha mais um plano: não planejou uma fuga, não pediu outra arma, não pediu a presença do governador ou de qualquer autoridade que assegurasse sua sobrevivência após a saída daquela situação. Simplesmente manteve as pessoas que estavam cativas dentro do ônibus, sob constante ameaça, disparando eventuais tiros, e causando desespero de quem estava dentro e (principalmente) de quem estava do lado de fora do ônibus.

Sua preocupação em manter o medo em todos tem ligação direta com o fato de que a visibilidade (inédita em sua vida) que lhe era atribuída naquele momento dependia da manutenção de uma situação de medo mediante os que estavam do lado de fora do ônibus, e mesmo assistindo o caso pela televisão. O instrumento ARMA teve uma importância tão vital para sua repercussão, de modo que sua existência não durou mais que 05 minutos após o momento em que ficou desarmado.

Um último aspecto é importante a ser notado pela história documentada pelo filme: o contato que Sandro teve com o Estado. Quando não estava tomando porrada da polícia, ou sendo metralhado sob a marquise da Candelária, estava transitando pelas prisões da cidade, desde a “Instituição Padre Severino” de correção de menores até o temido “Cofre” (a prisão em péssimo estado que é apresentada por um carcereiro).

Como diz o homem no documentário: “Foi a polícia que matou os colegas do Sandro lá na Candelária, e a polícia agora completou o trabalho. É como se duas pontas da história se fechassem: à polícia cabe o trabalho sujo que a sociedade não quer ver, mas que em algum lugar obscuro de seus desejos quer que se realize, que se anulem os Sandros, que os Sandros desapareçam de nossas vistas. Nós não queremos ver esta realidade; nós não podemos suportar esta realidade. A invisibilidade é, afinal, reconquistada pela produção policial da invisibilidade, através da anulação que a morte gera.”

A definição weberiana de Estado como aquele que *reivindica para si o monopólio do uso legítimo da violência* faz muito sentido para os Sandros brasileiros. A única coisa que eles podem sentir em relação ao Estado é justamente a violência cujo uso legítimo os policiais e os representantes da ação do Estado possuem. Nada mais que isso, infelizmente.

Execução da proposta

Após a sessão de cinema, é interessante promover um debate em sala, instigando os alunos a responderem questões tais como:

- Por que a sociedade não quer ver seus Sandros?
- A polícia está correta em “invisibilizar” os Sandros?
- Sandro é vítima ou algoz?
- Quem é mais violento: Sandro ou o Estado (representado pela polícia)?
- Que papel tiveram os meios de comunicação em massa no transcorrer deste caso?
- As instituições punitivas devem seguir o modelo do temido “Cofre”?
- Qual seria a melhor solução para o caso de Sandro?

Propõe-se que o professor não tome partido durante a discussão, e que também não permita que a discussão se polarize (“pró-Estado” ou “pró-Sandro”). Cabe ao professor de Sociologia tornar claro o conflito existente entre:

- o indivíduo estigmatizado e invisibilizado que é vítima do Estado e de sua sociedade e...

- esta mesma sociedade que teme a ação violenta deste mesmo indivíduo, que possui na violência o único meio de se tornar visível aos outros e clama pela ação incisiva do Estado para “invisibilizá-los” novamente, seja prendendo-os, seja matando-os.

É importante que a maior quantidade possível de alunos participe da discussão, expondo seus respectivos pontos de vista. Não é primordial que **todas** as questões propostas sejam feitas aos alunos. O essencial é que o conflito entre as duas partes descrito acima fique totalmente evidente para os alunos. Este conflito é o cerne deste documentário e deste programa.

Para a matéria de Sociologia, se sugere que esta discussão dure pelo menos uma aula inteira (dure 50, 45 ou 40 minutos). O professor deve tomar o cuidado de não deixar o assunto mal concluído. Após toda a discussão ele deve tomar as opiniões dos alunos como subsídio para produzir uma conclusão (ou mesmo uma provocação) a respeito deste assunto.

Outras matérias em que o filme pode ser trabalhado

Este é um documentário que trata de temas que também podem ser trabalhados em outras disciplinas, que serão indicadas nessa seção. Se dois (ou mais) professores de disciplinas diferentes concordarem em trabalhar este filme, o entendimento por parte dos alunos será mais completo e o filme será melhor explorado.

Sob a óptica da Filosofia, por exemplo, pode-se trabalhar as questões de como se aplica a Igualdade e a Liberdade assegurada por lei a todos os cidadãos brasileiros, mas que tem um retrato bem contestável caso se observe a situação documentada pelo filme. Outra questão que pode ser trabalhada no âmbito da filosofia é o fato de Sandro, em um primeiro momento, ter mandado sua refém escrever no vidro do ônibus que ele tem pacto com o diabo, e algum tempo depois, quando questionado se acreditava em Nossa Senhora Aparecida, respondeu que acreditava em Deus. A questão “Fé em Deus X Pacto com o Diabo” pode ser trabalhada com base nessa situação também.

Na perspectiva da História, a questão racial e o ônus da escravidão, que ainda não foram bem resolvidos, podem ser muito bem notados quando o filme mostra a predominância da raça negra dentro das instituições prisionais. O conflito racial está inscrito na problemática do filme. Um professor de História também poderá, portanto, fazer um uso produtivo deste documentário, caso o aborde por este prisma.

Sob a óptica da Geografia, a questão da divisão dos espaços na cidade do Rio de Janeiro, que tem o mesmo padrão na maioria das capitais brasileiras que se situam em cidades litorâneas, pode ser bem trabalhada: num raio de 2km a 3km da orla, prédios de luxo, com todo o glamour da alta classe urbana. Na medida em que se distancia da praia e se progride no sentido dos morros o luxo vai dando lugar à pobreza. Numa análise grosseira, talvez se possa dizer que quanto mais próximo um lugar estiver do nível do mar, mais luxuoso será este lugar. Esta é uma polêmica questão, que pode ser bem trabalhada em uma aula de Geografia também. A primeira tomada do filme é extremamente sugestiva para o trabalho desta questão.

Na Língua Portuguesa, um aspecto que poderia ser trabalhado é a variação do uso da linguagem. Embora todos os falantes deste filme se expressem em língua portuguesa, é notável a diversidade com que esta é usada de acordo com o falante. O carregamento de gírias, a fala mais formal, a fala acadêmica, a fala de protesto, enfim. Todas essas podem ser exaustivamente trabalhadas à luz deste filme.

2. CLIPE E MÚSICA: “MINHA ALMA (A PAZ QUE EU NÃO QUERO)”, DE “O RAPPÁ”

A minha alma está armada

E apontada para a cara

Do sossego

Pois paz sem voz

Paz sem voz

Não é paz é medo

Às vezes eu falo com a vida

Às vezes é ela quem diz

Qual a paz que eu não quero

Conservar

Para tentar ser feliz (x4)

As grades do condomínio

São para trazer proteção

*Mas também trazem a dúvida
Se é você que está nessa prisão
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar
Na poltrona no dia de domingo, domingo*

*Procurando novas drogas
De aluguel nesse vídeo
Coagido é pela paz
Que eu não quero
Seguir admitindo
É pela paz que eu não quero, seguir
É pela paz que eu não quero, seguir
É pela paz que eu não quero, seguir
Admitindo*

Apresentação da proposta

Nesta atividade, propõe-se que o professor trabalhe a música “Minha Alma (A Paz que Eu não Quero)”, do grupo “O Rappa”. A música data do ano de 2000, e conferiu à banda muitos prêmios, que em grande parte se referem ao clipe desta obra. Por isso a sugestão é que se trabalhe esta música por meio de seu clipe, que pode ser acessado no youtube por este link: <http://www.youtube.com/watch?v=vF1Ad3hrdzY&feature=related>

A banda, composta por Marcelo Yuka, Marcelo Lobato, Alexandre Menezes e Marcelo Falcão, possui um engajamento social forte. Prova disso é o fato de terem se recusado a tocar antes de bandas americanas dentro do evento “Rock in Rio 2000” (fato que diminuiria, assim, o valor de sua música em relação à música estrangeira dentro do evento). Eles foram retaliados com a exclusão do evento. Diante de tal acontecimento, outras 05 bandas brasileiras abdicaram de sua participação no evento: Skank, Jota Quest, Raimundos, Cidade Negra, e Charlie Brown Junior.

Objetivo da atividade

Colocar em discussão qual é tipo de paz que se tem, qual tipo de paz que se pretende ter nas grandes cidades. Trabalhar a questão de como a paz deve ser construída.

Previsão de desenvolvimento

Para essa atividade, o tempo de duração proposto é de apenas uma aula, seja ela de 40, 45 ou 50 minutos. O tempo de execução do clipe é de aproximadamente 05:51 minutos, e da música 5:03 minutos. Se necessário, pode-se repetir a execução do clipe.

Recursos necessários para a atividade

Para o trabalho com a música, é necessário somente que se tenha um Toca-CD. Ou então, pode-se fazê-lo apenas com caixas de som que permitam a execução da música por meio do formato MP3.

Para que se trabalhe com o clipe, é necessário que se tenha ao menos um computador equipado com caixas de som. Se houver um projetor de “Data Show” a execução atividade fica bastante facilitada. Basta que se consiga coordenar o áudio com o vídeo.

Comentários sobre a letra da música

A letra da música é bem impactante, e o próprio título já sugere algum conflito, ao tratar de uma “A paz que eu não quero”.

“Pois paz sem voz

Paz sem voz

Não é paz é medo ”

Este trecho demonstra uma crítica à paz que se diz ter. É uma “paz sem voz”. Mas uma paz sem voz não é paz, pois paz demanda comunicação, contato, entendimento entre as partes. Paz sem voz é medo. Fica subentendida uma paz que é alcançada por meio da opressão de quem teria motivos para se rebelar.

*“A minha alma está armada
E apontada para a cara
Do sossego”*

E é justamente por isso que a letra dá a entender que o sossego não é algo socialmente conseguido por meio do acordo entre as partes, mas do isolamento opressor de uma determinada parte da sociedade, a “*população perigosa*” de que Caldeira trata em *Cidade de Muros*. Os próprios muros da cidade que são tema do livro de Caldeira são mencionados em certa parte da letra:

*“As grades do condomínio
São para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que está nessa prisão”*

As grades têm como função proteger. Mas proteger quem do quê?

A existência de um crescente número de grades e divisões na cidade denuncia um conflito que se demonstra a partir do momento em que uma parte das pessoas se vê com medo da outra parte. Então quem está preso? Quem está por dentro ou quem está por fora da grade/muro?

*“É pela paz que eu não quero, seguir
Admitindo”*

Este trecho final é a demonstração de que a música não tem por intuito incitar uma guerra civil no país, ou nas grandes cidades, mas propõe que é pela própria paz que não se deve admitir o silêncio que muitas vezes se confunde com a paz, mas que na verdade representa o medo, que atravessa nossa sociedade de ponta a ponta.

Proposta para a atividade somente com música (sem clipe)

Esta proposta visa a promoção de um debate em sala. O professor deve instigar os alunos a responder questões tais como:

- 1 - Que tipo de paz existente que é denunciado pela música?
- 2 - A letra da música defende a paz incondicionalmente?
- 3 - Poderia se dizer que uma sociedade em que não haja crimes seja uma sociedade pacífica, tomando a música exibida como base para pensar?
- 4 - Quem está preso? Quem está por dentro ou por fora da grade/muro?
- 5 - A construção de muros e grades cidade afora é uma expressão da busca pela paz e pelo sossego, dentro dos enclaves fortificados. Que tipo de paz se busca com grades e muros?
- 6 - Existe alguma alternativa para que se reverta esta situação de busca pela paz *via* exclusão?

É importante que o professor que for trabalhar **sem o clipe** tenha o cuidado de transcrever a letra da música na lousa da sala de aula, uma vez que o que será promovido é a discussão que terá por base somente a letra. Daí a importância de ela poder ser visualizada e analisada a todo e qualquer instante pelos alunos.

O clipe da música

O clipe conta a história de alguns garotos moradores de uma zona periférica de alguma grande cidade litorânea brasileira que um dia decidem ir do lugar de onde moram para a praia. Para executarem seu percurso, teriam que atravessar parte da cidade.

Ao chegarem numa região comercial, o “Gigante” (o menino pequeno de óculos) se impressiona com as características de um espaço bem diferente do espaço em que ele vive. Param em uma padaria, onde um funcionário corta um frango assado para um cliente que lá está. O grupo fica algum tempo olhando aquela cena.

O momento-chave do clipe ocorre quando o cliente da padaria deixa cair uma nota de dinheiro no chão, e um dos meninos que lá estavam se abaixa para pegar e devolvê-la ao dono. Antes que o dono o veja, a polícia já chega batendo no menino que tinha apanhado a nota do chão. Isto desencadeia um grande conflito entre população presente e polícia. O conflito termina com um dos meninos morto, e outro preso.

Proposta para atividade com clipe

A história contada pelo clipe é bem chocante. São meninos que fazem o estereótipo dos “potencialmente perigosos”, e que estão sob constante vigilância do Estado. São pessoas que, a partir do momento em que saem do lugar onde vivem, já estão sendo vigiadas e/ou temidas. O clipe mostra que não foi necessário que nenhum dos meninos fizesse nada para que a polícia já se demonstrasse intolerante em relação a eles. O “crime” cometido por um dos meninos foi tentar devolver ao cliente da padaria a nota de dinheiro que ele tinha deixado cair no chão. Posteriormente, ocorre uma revolta da população que por ali estava, decorrente do absurdo evento que acontecia naquele momento.

O clipe quer demonstrar como é mantida a paz nas grandes cidades brasileiras. O Estado se preocupa muito mais em punir os “perigosos” do que em atender suas demandas. E esta punição ocorre de qualquer maneira, seja ela merecida ou não, como se pode ser notado pela apreciação do clipe.

Questões adicionais que podem ser trabalhadas com o clipe:

- 1 - Pode-se dizer que por constituírem o “estereótipo das pessoas perigosas”, os meninos da periferia sejam alvo de preocupação por parte das outras pessoas quando não estão na periferia?
- 2 - Esses meninos têm então, sua circulação restrita à zona periférica onde vivem, de modo que sua ida à praia, por exemplo, não pode ocorrer? (Tal como não ocorreu?).
- 3 - Os muros da cidade, então, são libertadores ou aprisionadores? Há pessoas “libertadas” pelos muros e grades?
- 4 - Os muros trazem segurança ou paz? (Ou nenhum deles? (Ou os dois?))
- 5 - O comportamento da polícia no clipe reflete o comportamento esperado pelos cidadãos que moram fora da periferia?

Execução da discussão

Propõe-se que o professor não tome partido durante a discussão, e que também não permita que a discussão se polarize (“pró-Estado” ou “pró-rebeldia civil”). Cabe ao professor de Sociologia tornar claro para os alunos que:

- A paz pode ser colocada como a ausência de crimes, assassinatos, roubos, latrocínios. Mas uma sociedade sem crimes não pode ser considerada, no limite, uma sociedade pacífica.

- A música critica uma paz instituída “de cima pra baixo”, onde se pacifica a sociedade por meio do controle estatal (por meio da polícia) das pessoas “potencialmente perigosas”.

- Essas pessoas que são “potencialmente perigosas” não têm suas demandas atendidas pelo Estado. E este mesmo Estado é quem garante a paz por meio do controle (seja este violenta ou não) da “periculosidade em potencial” dessas pessoas.

- O cenário ideal de paz a que a música acena é um em que não seja necessário reprimir ninguém para que se possa assegurar a manutenção da paz.

Este conflito (Paz “de cima para baixo” X Paz “de baixo para cima”) é o cerne deste programa.